

EXPLORANDO A NOÇÃO DE INCERTEZA NA ECONOMIA CAPITALISTA: UMA ABORDAGEM SOB A PERSPECTIVA DA ESCOLA KEYNESIANA

Diego José Casagrande ¹ | <https://orcid.org/0000-0002-0606-2136>

Submetido: 13/04/2025 | Aprovado: 06/05/2025 | Publicado: 04/09/2026

Editora associada: Dra. Livia Maria da Silva Santos

DOI: <http://dx.doi.org/10.18265/2526-2289a2026id8998>

Resumo - Por meio da publicação de sua obra seminal intitulada “Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda”, em 1936, o economista britânico John Maynard Keynes lançou as bases de sua teoria macroeconômica, disseminada em nível mundial até os dias de hoje. Historicamente, em seu cerne, a teoria keynesiana surgiu com o intuito de contestar e opor-se, de forma incisiva, aos ideais e concepções até então impostas pelo modelo econômico neoclássico. Para os adeptos da corrente neoclássica da economia, a existência de instabilidades, inconstâncias e riscos no sistema capitalista era comumente desconsiderada. Neste sentido, o keynesianismo lutava, desde a sua constituição, para escapar da ortodoxia (*mainstream*) então predominante na economia. Na ótica keynesiana, dentre outros pressupostos, os agentes econômicos precisavam compreender como deveriam nortear as suas ações diante de cenários ambíguos e de alto risco. Diante da contextualização histórica exposta, este artigo tem como objetivo central explorar e compreender a noção de incerteza vinculada a economia capitalista, pautando-se nas abordagens da Teoria Geral (TG) de Keynes e nos adeptos de sua visão (pós-keynesianos). Para atingir tal fim, empregou-se a revisão bibliométrica como metodologia de pesquisa central, sendo esta sustentada por meio de uma revisão narrativa de literatura. Ao ser efetuada, a análise bibliométrica apontou que, no âmbito da TG, as abordagens sobre o conceito de incerteza permanecem sendo fortemente discutidas por uma gama de instituições de pesquisa e autores pós-keynesianos, que buscam compreender as estruturas e as dimensões das relações econômicas e de mercado. Conclui-se, deste modo, que no âmbito da escola keynesiana, a noção da incerteza na economia segue densamente explorada empiricamente no universo acadêmico, progredindo globalmente em diferentes áreas de pesquisa, com destaque para os campos das ciências econômicas e das ciências sociais aplicadas.

Palavras-chave: Teoria Geral; Agentes econômicos; Riscos; Cenários econômicos.

EXPLORING THE NOTION OF UNCERTAINTY IN THE CAPITALIST ECONOMY: AN APPROACH FROM THE PERSPECTIVE OF THE KEYNESIAN SCHOOL

Abstract - Through the publication of his seminal work entitled "The General Theory of Employment, Interest and Money" in 1936, the British economist John Maynard Keynes laid the foundations of his macroeconomic theory, disseminated worldwide to this day. Historically, at its core, Keynesian theory emerged with the intention of contesting and opposing, incisively, the ideals and conceptions imposed by the neoclassical economic model. For adherents of the neoclassical school of economics, the existence of instabilities, inconsistencies, and risks in the capitalist system was commonly disregarded. In this sense, Keynesianism struggled, from its inception, to escape the orthodoxy (*mainstream*) then predominant in economics. From a Keynesian perspective, among other assumptions, economic agents needed to understand how they should guide their actions in the face of ambiguous and high-risk scenarios. Given the historical context presented, this article aims to explore and understand the notion of uncertainty linked to the capitalist economy, based on the approaches of Keynes' General Theory (GT) and the adherents of his vision (post-Keynesians). To achieve this, a bibliometric review was used as the central research methodology, supported by a narrative literature review. The bibliometric analysis revealed that, within the GT, approaches to the concept of uncertainty remain strongly debated by a range of research institutions and post-Keynesian authors, who seek to understand the structures and dimensions of economic and market relations. It is concluded, therefore, that within the Keynesian school, the notion of uncertainty in

¹ Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

economics continues to be extensively explored empirically in the academic world, progressing globally in different research areas, particularly in the fields of economics and applied social sciences.

Keywords: General Theory; Economic agentes; Scratches; Economic scenarios.

1 INTRODUÇÃO

De forma genérica, elementos como expectativas, tempo e incertezas constituem-se, em geral, como aspectos determinantes das ações de qualquer natureza que envolvem a conduta humana (Andrade, 1987). No campo econômico, especificamente, um raciocínio semelhante pode ser aplicado. Na concepção de Campos e Chiarini (2014), uma das principais limitações da teoria neoclássica (*laissez-faire*) é o fato dela ignorar o papel que as incertezas exercem junto a economia, supondo que o seu ambiente se caracterize como totalmente ergódico. A incerteza é uma característica das economias de produção monetária (Stockhammer; Ramskogler, 2008).

A compreensão da racionalidade humana sob a ótica da incerteza tornou-se um elemento central para Keynes teorizar aquilo que denominou como “economia monetária da produção” (Terra, 2020). Em sua essência, o mercado apresenta níveis de complexidade significativos e a sua análise não se fundamenta apenas na visão do *mainstream* econômico, mas também em conceitos e noções ignorados por ele, dentre os quais destaca-se o de incertezas (Campos; Chiarini, 2014). Em ambientes incertos, as decisões de consumo, investimento e emprego tendem a apresentar complexidade, reduzindo a eficiência alocativa de recursos (BCB, 2019).

Historicamente, as formas de compreensão sobre o conceito de incerteza e seus reflexos na atividade econômica diferem de acordo com as distintas concepções entre ortodoxos e keynesianos. Na concepção de Keynes, contudo, a noção de incerteza é tratada como norma (convenção), não sendo plenamente passível de eliminação. A ideia da incerteza surge do desconhecido e de tudo aquilo que é de difícil quantificação por parte dos atores econômicos, ou seja, representam eventos que carregam muita ambiguidade (Dow, 2016).

Ao contrário do risco, que comumente tende a ser definido e mensurado estatisticamente, em um contexto de incerteza os agentes econômicos simplesmente não possuem real dimensão do que irá acontecer, pois a distribuição de probabilidades é desconhecida, podendo causar efeitos negativos para as atividades econômicas e as decisões dos seus agentes (Costa Filho, 2014). Neste contexto, as incertezas impactam os resultados futuros de decisões presentes, afetando a dinâmica das relações mercadológicas em geral.

O keynesianismo lutava, desde a sua constituição, para escapar da ortodoxia então predominante na economia. Na ótica keynesiana, dentre outros pressupostos, os agentes econômicos precisavam compreender como deveriam nortear as suas ações diante de cenários ambíguos e de alto risco. A partir dos aspectos contextualizados acima sobre a natureza global da pesquisa, o presente artigo tem como objetivo geral explorar e compreender a noção de incerteza no âmbito da economia capitalista, pois, pautando-se nas abordagens propostas e difundidas pelo keynesianismo, a incerteza é vista como um conceito não quantificável (Silva; Roncaglia, 2019). A realização desta pesquisa justifica-se, especialmente, pela necessidade de prosseguir explorando o conhecimento científico a acerca das obras de Keynes e dos adeptos da sua Teoria Geral (TG), bem como expandir o campo de visão relacionado ao que é proposto neste e internalizado na essência desse modelo econômico.

Em termos estruturais, o presente trabalho encontra-se organizado em cinco seções. Depois desta introdução, onde foi evidenciado o propósito da pesquisa em seu escopo global, a segunda seção apresentará as principais contribuições teóricas referentes a Teoria Geral de Keynes, servindo assim como direcionamento para uma melhor compreensão acerca das noções de incertezas e expectativas, que serão os conceitos centrais a serem analisados nesta seção. A terceira seção apresenta, detalhadamente, a metodologia de pesquisa empregada na elaboração do artigo. Na quarta seção, serão elucidados, discutidos e analisados os principais resultados obtidos a partir na pesquisa bibliográfica realizada. Por último, a quinta seção corresponde a apresentação das considerações finais da pesquisa, considerando seus objetivos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Por meio dos conteúdos a serem discutidos de forma aprofundada nas subseções seguintes, o referencial teórico abordará a dinâmica funcional e os principais elementos da macroeconomia sob a perspectiva da escola keynesiana e dos economistas pós-keynesianos. Além disso, procurou-se conceder ênfase nas relações existentes entre expectativas, riscos e incertezas nos processos de tomadas de decisões no ambiente econômico, considerando o constante cenário de instabilidades dos agentes nele presentes e da sua própria estrutura.

2.1 TEORIA GERAL E A VISÃO MACROECONÔMICA DA ESCOLA KEYNESIANA

Em sua obra seminal denominada “Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda”, publicada originalmente em 1936, Keynes argumenta que a expressão “geral”, presente na teoria da qual idealizou, remete ao fato de que os postulados presentes na teoria clássica

(ortodoxia econômica) tendem a se aplicarem somente a casos especiais (dotados de especificidades) e não a economia como um todo. Esse é o pilar de sua abordagem econômica.

Todas as teorias, de modo genérico e em suas essências, simbolizam uma simplificação abstrata da realidade. Com base nesta ótica, dentro do contexto econômico, considera-se que as “velhas” teorias não se configuram como totalmente errôneas, mas somente como menos pertinentes do que eram na época em que surgiram. Pautando-se neste pressuposto, Keynes percebeu que a teoria econômica na qual possuía formação não mais se aplicava adequadamente ao mundo em que ele conhecia. A partir daí, sua escola teórica teve origem (Chick, 1993).

Na visão de Keynes, as teorias até então predominantes (mainstream econômico) no início do século XX não se mostravam suficientemente capazes de compreender e solucionar integralmente determinados fenômenos e problemas, dentre os quais se destacavam a recessão e o desemprego. O potencial da TG de Keynes, em sua essência, reside em sua capacidade de refutar axiomas até então predominantes pelos economistas neoclássicos, estabelecendo níveis de análise mais paradoxos e complexos sobre o ambiente macroeconômico (Davidson, 2015).

Publicada por Keynes em 1921 (quinze anos antes de sua Teoria Geral), a obra denominada “Um Tratado sobre a Probabilidade (TP)” iniciou as discussões sobre a existência da incerteza e probabilidade junto aos agentes econômicos em seus processos decisórios. O TP de Keynes, assim, influenciou diretamente as discussões sobre ergodicidade (Lawson, 1985; Dequech, 1999; Davidson, 2015). A noção de incerteza, desta forma, passou a representar uma categoria chave da teoria keynesiana ao destacar os desafios e instabilidades inerentes aos processos de tomada de decisões dos agentes econômicos (Stockhammer; Ramskogler, 2008).

Keynes apregoava que os indivíduos tendem a agir de acordo com suas concepções de mundo, bem como mediante as convenções sociais que os cercam. Assim, parte das ações dos agentes não se caracterizariam como sendo totalmente irracionais, já que reproduziam padrões de raciocínio e lógica indiretamente estabelecidos (Catão, 1992). A ortodoxia econômica pressupunha a existência de um futuro certo e previsível a partir da possibilidade de calculá-lo (Davidson, 2015), abordagem da qual Keynes demonstrava-se dissonante, conforme elucidado:

Por conhecimento “incerto”, deixe-me explicar, não quero dizer apenas distinguir o que é conhecido com certeza daquilo que é apenas provável. O jogo da roleta não está sujeito, neste sentido, à incerteza; nem há a perspectiva de um vínculo da vitória ser traçado. Ou, novamente, a expectativa de vida é apenas ligeiramente incerta. Até o clima é apenas moderadamente incerto (Keynes, 1937, p. 213-214).

Dentro do escopo evidenciado por Keynes (1937) no exposto acima, considera-se que diversos aspectos inerentes a vida econômica e social estão suscetíveis a incidência de incertezas e imprecisões. As probabilidades existem e até podem ser mensuradas, porém as decisões dos agentes estão quase sempre condicionadas a falhas. O risco, portanto, é tratado como um elemento presente de maneira constante nas ações econômicas em sua totalidade.

A abordagem heterodoxa do keynesianismo, portanto, passou a questionar as visões até então impostas pela economia neoclássica, expondo as lacunas analíticas deixadas por ela. A incerteza, em sua essência, é fruto da escassez de provas sobre o futuro, algo abordado por Keynes, previamente em seu TP, ao expor o caráter impreciso da própria economia (Dequech, 2000b). Entende-se, dentro desta concepção, que as incertezas são vivenciadas por diferentes grupos sociais de maneiras distintas (Stockhammer; Ramskogler, 2008). A incerteza, considerando o seu escopo, não é suscetível a eliminação apenas por cálculos probabilísticos.

Ao “derrotar” a Lei de Say por meio de sua TG (Moreira, 2005), Keynes demonstra que os problemas econômicos, em geral, não são decorrentes somente da ação da moeda, mas essencialmente pela noção de tempo, expresso em sua concepção como sendo a relação entre o intervalo/período no qual determinados eventos se sucedem. Nesta vertente, os entende-se que os compromissos assumidos pelos agentes econômicos se baseiam majoritariamente em demandas futuras. Diante desta ótica, apesar dos compromissos econômicos precisarem ser assumidos no presente, os seus efeitos não podem ser conhecidos com precisão (Chick, 1993).

Para Terra (2020), o conceito de incerteza tornou-se a peça-chave para compreender o sistema econômico na TG de Keynes. A incerteza e a não-ergodicidade, diante desta conjuntura, tornaram-se os elementos centrais que fizeram com que a TG rompesse os paradigmas e a hegemonia até então impostos pela visão econômica neoclássica (Campos; Chiarini, 2014).

2.2 RELAÇÕES ENTRE INCERTEZA, EXPECTATIVA E RISCOS NO KEYNESIANISMO

Considerando a dinâmica do mercado e as configurações gerais do sistema de produção capitalista, pode-se considerar que a ação econômica dos indivíduos (agentes) é norteadada a partir de suas expectativas. Tal fato, naturalmente, acarreta a existência de um ambiente de incertezas sobre o futuro. O termo “incerteza” emprega-se em cenários nos quais os indivíduos simplesmente ainda não sabem que está por vir, inclusive não possuindo fundamentação consistente para efetuar tal descoberta. Há, portanto, uma diferença substancial entre aquilo que é conhecido e o que é apenas provável, ou seja, que não se pode garantir (Keynes, 1937).

A constituição desse raciocínio, historicamente, é uma das melhores formas de expressar a característica distintiva do pensamento econômico de Keynes e sua luta para escapar da ortodoxia. Na visão de Andrade (2011, p. 178), a “análise da incerteza é um dos campos que demonstram mais claramente as diferenças entre o método de Keynes e a abordagem neoclássica”. O autor ainda salienta que as incertezas, ao existirem, afetaram diretamente as decisões e interações dos agentes dentro das estruturas presentes no campo econômico.

Originalmente, os neoclássicos visualizam e compreendem a economia como um simples sistema de “troca pura”, baseado na moeda. Em nível histórico, grande parte dos precursores e disseminadores da abordagem econômica neoclássica são adeptos da Lei de Say, que procurava explicar a dinâmica de funcionamento dos mercados no sistema capitalista com base exclusivamente na relação entre oferta e demanda (Val; Linhares, 2008; Moreira, 2005). Nesta ótica, os defensores do neoclassicismo costumavam tratar a noção de certeza como sendo predominantemente casual no ambiente econômico, algo que viria a ser incisivamente refutado por Keynes a partir de sua Teoria Geral (Campos; Chiarini, 2014; Moreira, 2005).

Dentro da macroeconomia keynesiana, as expectativas constituem um fator impactante no processo de tomada de decisão, influenciando fortemente as instituições. Em virtude de operarem em um contexto cronológico, o mercado e os atores nele inseridos estão sujeitos a grandes doses de ambiguidade e risco. Assim, quando um agente econômico toma qualquer decisão, este comumente irá basear-se em expectativas em relação ao futuro, submetendo-se assim a condições de incerteza que assumem um caráter imensurável (Silva; Roncaglia, 2015).

Mediante esse cenário, Lins e Rech (2015) apontam que, na visão de Keynes, há uma forte correlação entre as noções (conceitos) de expectativa e incerteza, pois ambos estão articulados. Tanto em seu TP quanto na TG, Keynes define como “incerta” uma situação na qual os agentes econômicos não possuem informações completas sobre os fatores que causam determinados eventos. A incerteza, desta maneira, vincula-se a situações possíveis ou não de ocorrerem, especialmente nos contextos social, político e econômico (Dequech, 1999).

Considerando a ação dos agentes econômicos nos mercados, também se torna possível observar, no pensamento keynesiano, uma análise da noção de “tempo histórico” (Val; Linhares, 2008; Silva; Roncaglia, 2015). Em geral, por mais que toda a produção seja destinada a satisfazer um consumidor, normalmente se estabelecerá um intervalo de tempo (menor ou maior) entre o momento em que o produtor assume seus custos e o da compra pelo consumidor final (Keynes, 1936). Dentro da economia capitalista, pode-se analisar o mercado como algo um ambiente inevitavelmente especulativo. Assim, em virtude das incertezas que envolvem o

próprio mercado e as relações estabelecidas entre os seus agentes, a concepção keynesiana sobre a economia assume uma posição de não-ergódica (Val; Linhares, 2008; Lins; Rech, 2015).

A economia ortodoxa (*mainstream*) defende que os mercados e seus agentes apresentam comportamentos regulares e estáveis, devendo ser compreendida a partir de um viés ergódico. Keynes, porém, rejeita essa hipótese (Davidson, 2015), ao apontar que nem sempre haverá a possibilidade de o passado servir como base para as tomadas de decisões futuras, haja vista que inúmeros eventos no campo econômico não são passíveis de serem plenamente previstos, controlados ou replicáveis. Na visão não-ergódica, portanto, a economia nem sempre apresenta caminhos sinalizações, causando desconhecimentos (Carvalho, 1988; Campos; Chiarini, 2014).

A noção de incerteza em Keynes, assim, deriva-se da ideia de não-ergodicidade (Lombardi; Brito, 2010). Para Campos e Chiarini (2014), ao contrário do que os neoclássicos limitadamente apontam em sua teoria, a incerteza não deve ser tratada de maneira excepcional, mas sim como algo usual. Nos sistemas econômicos ergódicos, acredita-se que o futuro sempre será uma réplica fiel do passado, ou seja, algo imutável. Keynes se contrapõe a essa ótica ao pressupor a influência que a cronologia exerce sobre a dinâmica de mercado (Andrade, 2011), pois, conforme analisa Carvalho (2014), quanto maior o horizonte temporal entre os momentos presente e futuro, maior também serão as incertezas vinculadas aos impactos de suas decisões.

A existência de uma economia não-ergódica é, para Keynes, uma forma de contraposição aos ideais enraizados pela escola neoclássica. Trata-se, assim, de um olhar alternativo sobre a produção capitalista. Para Carvalho, Rodrigues e Carvalho (2019), mesmo que os agentes econômicos ajam de forma racional mediante a formação de expectativas, a economia ainda estará suscetível a efeitos negativos, por funcionar em um ambiente incerto. O mercado em si, por sua natureza concorrencial, configura-se como incerto (Stockhammer; Ramskogler, 2008). A incerteza, assim, representa um princípio que impacta e afeta as decisões e expectativas dos agentes econômicos quanto ao futuro, gerando cenários de significativa instabilidade nas tomadas de decisões em geral (Andrade, 1987; Bussato; Reif; Possas, 2019).

Apesar de, em algumas ocasiões, os agentes econômicos possuírem informações de curto prazo sobre o funcionamento do mercado e suas possíveis variações e tendências, estes não possuem plenas condições de criar o futuro. Neste sentido, dentro do keynesianismo, busca-se a minimização das incertezas, já que é improvável evitá-las. No âmbito das modernas economias capitalistas, as incertezas influenciam fortemente os comportamentos dos agentes econômicos, justificando assim a dificuldade na tomada de decisões dentro do ambiente de negócios (Terra; Goudart, 2018; Conceição; Gabriani, 2019; Lombardi; Brito, 2010).

As incertezas, por si só, ao existirem, tendem a fomentar a existência de instabilidades na atividade econômica. Desta forma, a visão não-ergódica keynesiana defende que, do mesmo modo que os acontecimentos passados não são plenamente capazes de determinar o futuro em todas as ocasiões, a ocorrência dos eventos futuros também não pode ser prevista apenas através da aplicação de cálculos probabilísticos. Ainda na ótica do conceito incerteza, Keynes aponta a existência da hipótese de um futuro “não-calculável” (Lombardi; Brito, 2010; Andrade, 2011).

Com base nesta análise, a abordagem estabelecida por Keynes classifica como incerto um determinado fenômeno do qual não é possível mensurar plenamente as suas probabilidades e/ou resultados. Há, no entanto, uma distinção entre os conceitos de risco e incerteza no âmbito dos eventos econômicos. Assim, enquanto a incerteza é discutida pelo keynesianismo como uma “probabilidade” não-mensurável, o risco é visualizado como uma probabilidade mensurável/quantificável (Ferrari Filho; Conceição, 2001). Em geral, o risco está associado ao conhecido, enquanto a incerteza vincula-se a aquilo que não se tem conhecimento (Dow, 2016).

3 METODOLOGIA

Visando atingir os objetivos propostos e as articulações existentes em seu escopo, este artigo foi desenvolvido mediante a aplicação de uma revisão narrativa de literatura. Esse tipo de abordagem metodológica, também denominada como pesquisa bibliográfica, possui como principal finalidade contextualizar o “estado da arte” de uma determinada temática estabelecida Rowley e Slack (2004). Por esse motivo, justifica-se a adoção da pesquisa bibliográfica no presente artigo, já que ela possibilitou a exploração analítica da literatura já existente sobre o keynesianismo e os desdobramentos de sua teoria econômica até a contemporaneidade.

Neste artigo, especificamente, propõe-se uma compreensão acerca dos vínculos entre os conceitos de incertezas, expectativas e riscos presentes na abordagem econômica de Keynes. Ao abordar o papel e as influências dessas abordagens, tem-se como intuito identificar o modo como elas impactam a dinâmica dos eventos econômicos e os comportamentos dos seus agentes. Buscou-se, de maneira complementar, evidenciar como as abordagens de Keynes passaram a ser disseminadas a fim de construir a própria essência da economia pós-keynesiana.

Apesar da metodologia de pesquisa predominante no presente artigo ser a de revisão de literatura de caráter narrativa, tornou-se necessário, de maneira complementar, a realização de uma Revisão Sistemática de Literatura. Por meio de sua adoção, possibilitou-se estabelecer e aplicar determinados critérios a fim de conduzir mais eficazmente o processo de pesquisa das publicações a serem utilizadas como parâmetro para a elaboração fundamentação teórica.

De acordo com Conforto, Amaral e Silva (2011), a revisão bibliográfica sistemática é um método científico para busca e análise de artigos de uma determinada área da ciência. Assim, sustentando-se nas vertentes propostas pela RSL, a revisão de literatura narrativa que orientou o presente artigo foi estruturada, operacionalizada e desenvolvida mediante a utilização de referências bibliográficas (artigos e trabalhos científicos em geral) indexadas junto as principais bases de dados científicas eletrônicas, tais como *Scopus* e *Web Of Science*.

A fim de sistematizar o processo de busca e seleção das publicações acadêmicas, as duas principais *strings* (termos e/ou palavras-chave) utilizadas junto as bases de dados acima mencionadas foram as seguintes: “*Keynesian Theory*”; “*uncertainty AND Keynes*”. Mediante a aplicação das *strings* em questão, teve-se como objetivo mapear o maior número possível de publicações que abordassem as temáticas referentes a teoria keynesiana e as suas relações com o conceito de incerteza nas atividades econômicas.

Sob a ótica técnica, em todas as bases de dados mencionadas, foram aplicados filtros (parâmetros) de busca com o intuito de refinar e maximizar os resultados das pesquisas (ver o quadro 1). Dentro dos critérios de inclusão adotados nos processos de busca junto as bases de dados, não houve restrições quanto as abordagens metodológicas utilizada pelos artigos. De acordo com os parâmetros estabelecidos, o intuito da aplicação da RSL foi possibilitar que os resultados alcançados fossem capazes de nortear a escolha adequada das fontes bibliográficas que apresentassem maior alinhamento e consistência com os objetivos gerais do artigo.

Quadro 1 - Operacionalização do processo de RSL e seus resultados

Base de dados: Scopus (Elsevier)		
<i>Strings</i> de busca	Filtros (parâmetros) aplicados	Resultados gerados
Keynesian theory	<u>Pesquisar com:</u> Título do artigo, resumo e palavras-chave; <u>Período:</u> 1940 - 2024 <u>Áreas de conhecimento:</u> Economia, Econometria e Finanças; Ciências Sociais; Gestão e Negócios; <u>Tipo de documento:</u> Artigos <u>Idioma:</u> inglês, português e espanhol	2.148 documentos encontrados
Uncertainty AND Keynes	<u>Pesquisar com:</u> Título do artigo, resumo e palavras-chave; <u>Período:</u> 1949 - 2024 <u>Áreas de conhecimento:</u> Economia, Econometria e Finanças; Ciências Sociais; Gestão e Negócios; <u>Tipo de documento:</u> Artigos, capítulos de livros e livros; <u>Idioma:</u> inglês, português e espanhol	220 documentos encontrados
Base de dados: Web Of Science		

Keynesian theory	<u>Pesquisar com:</u> Todos os campos; <u>Período:</u> 1959 - 2024 <u>Categoria:</u> Economia; Finanças e Negócios; <u>Tipo de documento:</u> Artigos <u>Idioma:</u> Inglês	1.287 documentos encontrados
Uncertainty AND Keynes	<u>Pesquisar com:</u> Todos os campos; <u>Período:</u> 1976 - 2024 <u>Categoria:</u> Economia e Ciências Multidisciplinares; <u>Tipo de documento:</u> Artigos <u>Idioma:</u> Inglês	295 documentos encontrados

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Para cada uma das *strings* de busca utilizadas, foram estabelecidos um conjunto de filtros (parâmetros) visando condensar/refinar os resultados gerados pelas pesquisas. A escolha das bases de dados (Scopus e Web Of Science) se deu em virtude da relevância e reputação assumida por elas diante do meio científico em nível internacional. A *string* “*Keynesian theory*” foi adotada no ato das pesquisas pois, por meio dela, tornou-se possível alcançar um compilado expressivo de publicações científicas que abordam a teoria de Keynes em sua totalidade, algo considerado essencial mediante a proposta estabelecida no presente artigo.

De maneira adicional, o emprego da *string* “*Uncertainty AND Keynes*” ocorreu em virtude da necessidade de analisar mais detalhadamente, dentro da abordagem keynesiana, de que modo as incertezas e expectativas tendem a afetar as relações econômicas no contexto mercadológico induzido pela ação do sistema produtivo capitalista. A RSL realizada demonstrou que, em ambas as *strings* de busca, visualiza-se um número significativo de trabalhos que englobam a perspectiva keynesiana e suas vertentes dentro da ciência econômica.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção tem por finalidade apresentar e discutir os principais resultados obtidos por meio da pesquisa bibliográfica. Partindo centralmente da temática da teoria keynesiana, propôs-se a realização de uma revisão de literatura, tendo como ênfase abordar o conceito de incerteza no contexto da economia capitalista e dos agentes nela inseridos. Assim sendo, considerando o delineamento estrutural proposto, optou-se por fragmentar a seção de “resultados e discussão” em duas subseções distintas, porém relacionais e analiticamente complementares entre si.

Na primeira subseção, as noções e conceitos de incerteza, riscos e expectativas, sob o prisma da teoria econômica de Keynes, foram revisitadas a partir de uma abordagem analítica e relacional, apoiando-se nos principais autores pós-keynesianos em âmbito histórico. Na

segunda subseção proposta, por sua vez, serão apresentados e examinados os dados coletados por meio do planejamento e da aplicação de uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL). A última subseção, portanto, tem-se como intuito efetuar uma investigação, de caráter científica, acerca do “estado da arte” sobre os estudos desenvolvidos junto a teoria de Keynes em nível histórico pelos principais pesquisadores pós-keynesianos da modernidade, tendo como parâmetro dados obtidos nas bases científicas virtuais Scopus e *Web Of Science*.

4.1 REVISITANDO A NOÇÃO DE INCERTEZA SOB A ÓTICA PÓS-KEYNESIANA

Até então dominante na primeira metade do século XX, a visão econômica neoclássica passou a ser contestada pela escola keynesiana. Por isso, no decorrer do tempo, o conceito de incerteza assumiu uma importância central (Dow, 1994). Para Keynes, a incerteza representa um cenário na qual uma probabilidade é considerada imensurável. Em cenários incertos, deste modo, as expectativas nem sempre serão correspondidas no futuro (Dequech, 2004). Ao pressupor o conceito de incerteza e associá-lo a ideia de imprevisibilidade, Keynes colocou-se contra o ponto de vista vigente pelo *mainstream* econômico (Lawson, 1985; Lawson, 1988).

A partir da compreensão da lógica enraizada pela escola keynesiana, Minsky (1996) afirma que os elementos que sustentam os processos de tomada de decisão no ambiente econômico, pelo fato de apresentarem mudanças de caráter temporal, tendem a criar cenários incertos. Entende-se que, na atividade econômica, embora as incertezas sejam decorrentes do desconhecimento sobre momentos futuros, as decisões que poderão criá-las são tomadas no presente. Os impactos de tais decisões, porém, sempre serão avaliados posteriormente (Dabic; Cvijanovic; Gonzáles-Loureiro, 2011). Os agentes econômicos, assim, sujeitam-se a situações de incerteza e improbabilísticas, mesmo que a tolerância aos seus efeitos tenda a ser limitada.

Carvalho (1988) aponta que os agentes econômicos, por vezes, sustentam as suas decisões a partir de algumas premissas. Há de se ressaltar, todavia, que nem todas as premissas são plenamente suficientes e retratam um cenário lógico. A incerteza é um cenário resultante da incompletude de informações disponíveis sobre o futuro, bem como do desconhecimento de certas premissas existentes. Em decisões de produção e investimento, por exemplo, a incerteza é algo inerente. Ao assumir a existência da incerteza, reconhece-se a impossibilidade de lidar com eventos futuros e seus efeitos, tendo em vista o viés não-determinístico do mundo social.

A partir da visão keynesiana, Dequech (1999) compreende a incerteza como uma situação na qual eventos futuros não podem ser mensurados em virtude do desconhecimento de informações sobre eles. Em ambientes fundamentalmente incertos, o futuro é criado no

presente, ocasionando assim o surgimento de expectativas. O conceito de “espíritos animais”, cunhado por Keynes em sua TG, estabelece um cenário na qual a economia, em cenários incertos e imprevisíveis, tende a mobilizar expectativas em seus agentes (Dequech, 2000a). O fato de o futuro não poder ser previsto com segurança, essencialmente, promove a existência de ambiguidades e incertezas dentro da economia nos sistemas capitalistas (Dequech, 2000b).

Em diferentes graus de aplicação, Dequech (2000b) visualiza que o conceito de incerteza se sustenta fortemente na inexistência de probabilidades numéricas capazes de orientar os processos decisórios. Segundo Dequech (2001), as discussões sobre incerteza estão inerentes as questões probabilísticas, pois é comum a tentativa de associá-las a uma ideia de controle do futuro. A fim de aprimorar suas análises acerca do conceito de incerteza, Dequech (2011) afirma que, embora a realidade exista, ela não pode ser plenamente pré-determinada. Mesmo que a sua existência seja possível em qualquer tipo de sociedade, a incerteza assume uma forma mais efetiva no capitalismo, haja vista as particularidades deste modelo econômico.

A abordagem keynesiana, essencialmente, passa a assumir que a ideia da “certeza” é algo inalcançável no cenário econômico, já que a maioria das expectativas geradas com base em situações futuras podem assumir um caráter plenamente falível. Quanto maior o nível de conhecimento, menores serão as chances da ocorrência de incertezas. Contudo, as incertezas existirão em virtude da probabilidade do que é dado como certo não ocorrer (Lawson, 1985).

Assim, Lawson (1988) reforça que as noções de incerteza e expectativas, no escopo da economia, não deve estar associada ao conhecimento probabilístico, mas a ausência dele (Dow, 1994). Keynes (1936) afirma que as expectativas, apesar de servirem como base para as decisões dos agentes econômicos, não dependem exclusivamente das premissas estabelecidas por eles. Não há, portanto, plena convicção de que os prognósticos efetuados sejam confiáveis. A prevalência da incerteza, deste modo, é marcante na ótica do keynesianismo (Dow, 1994).

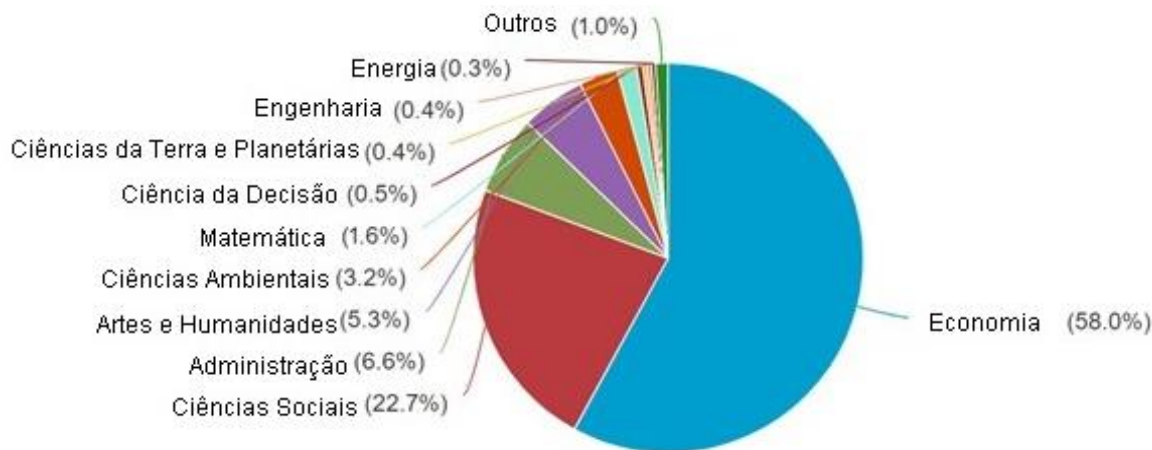
Sob a ótica do keynesianismo, portanto, a economia pós-clássica (ortodoxa) sustenta-se em um ambiente de incertezas, marcado pelas instabilidades. As convenções, enquanto paradigmas, são suscetíveis de rompimento. Neste nível analítico, os pós-keynesianos reconhecem que as atividades econômicas tendem a ser desenvolvidas em um mundo incerto, estabelecendo assim um cenário no qual as abordagens realistas tendem a prevalecer sobre as instrumentalistas. O incerto, desta maneira, pode sobressair-se ao provável (Lavoie, 1992).

4.2 “ESTADO DA ARTE” SOBRE OS ESTUDOS DA TEORIA KEYNESIANA

A partir do conjunto de dados e métricas disponíveis nas bases científicas eletrônicas Scopus e *Web of Science*, foi possível realizar um mapeamento do universo científico no qual as pesquisas sobre a teoria keynesiana e o keynesianismo encontram-se posicionadas. Galvão e Ricarte (2019) salientam que, em sua vertente sistemática, a revisão de literatura configura-se como uma categoria de pesquisa que segue protocolos específicos na busca por coleta de dados e informações que visam contribuir para a compreensão sobre um vasto universo de conhecimentos sobre uma área ou temática específica.

A partir da aplicação de alguns operadores lógicos (protocolos de busca), a revisão sistemática de literatura (RSL) busca propiciar níveis de logicidade a um grande corpus documental existente, tendo como intuito central arquitetarlos visando sua correta interpretação (Galvão; Ricarte, 2019). Todos os gráficos expostos e descritos analiticamente no decorrer desta subseção foram obtidos mediante a aplicação da RSL junto as bases de dados mencionadas acima. Inicialmente, o gráfico 1 apresenta as principais categorias/áreas de pesquisa que, historicamente, desenvolvem pesquisas científicas dentro do escopo da teoria keynesiana:

Gráfico 1 – Principais categorias/áreas de pesquisa sobre a teoria keynesiana

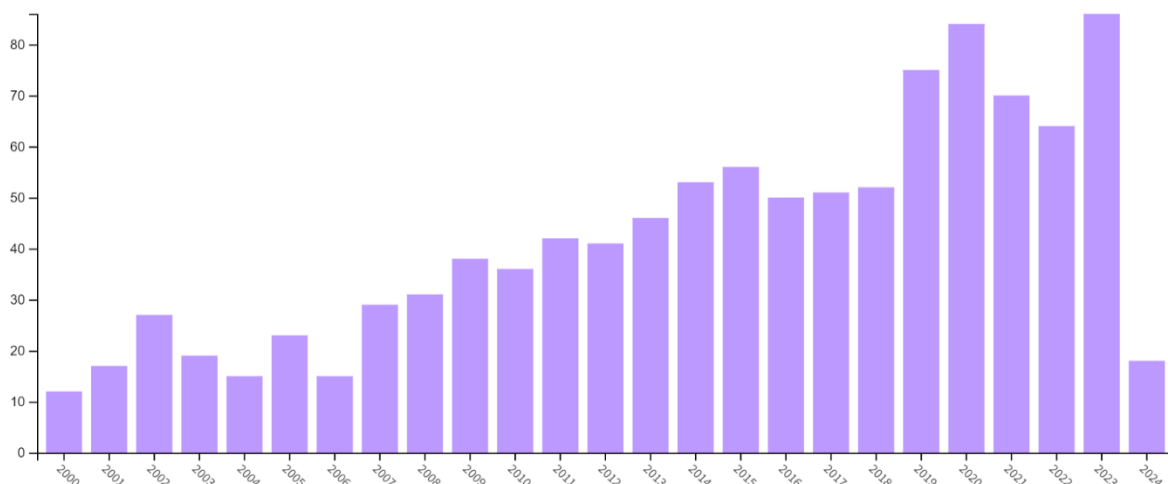


Fonte: Scopus (2024)

Ao efetuar a análise do gráfico 1, é possível observar, seguindo uma tendência natural, que quase 60% das pesquisas acerca de Keynes e suas teorias econômicas são realizadas dentro do próprio campo da economia e econometria/finanças. Contudo, apesar do predomínio no terreno econômico, identifica-se também a existência de uma significativa quantidade de publicações sobre a escola keynesiana em outras áreas científicas, com destaque para as Ciências Sociais. Tal fato, assim, subentende-se a existência de uma forte correlação entre os campos da economia e da sociologia, ambos com visões complementares sobre esse objeto.

Além disso, em menor escala, observam-se pesquisas sobre o keynesianismo em áreas como gestão de negócios, humanidades e matemática, dentre outras. Esse cenário demonstra que a teoria econômica de Keynes pode ser analisada empiricamente sob óticas distintas, tendo em vista a sua aplicação em nível multidisciplinar. O gráfico 2 tem por finalidade apresentar de que forma ocorreu o processo de evolução das publicações sobre o keynesianismo:

Gráfico 2 – Evolução histórica das publicações sobre teoria keynesiana

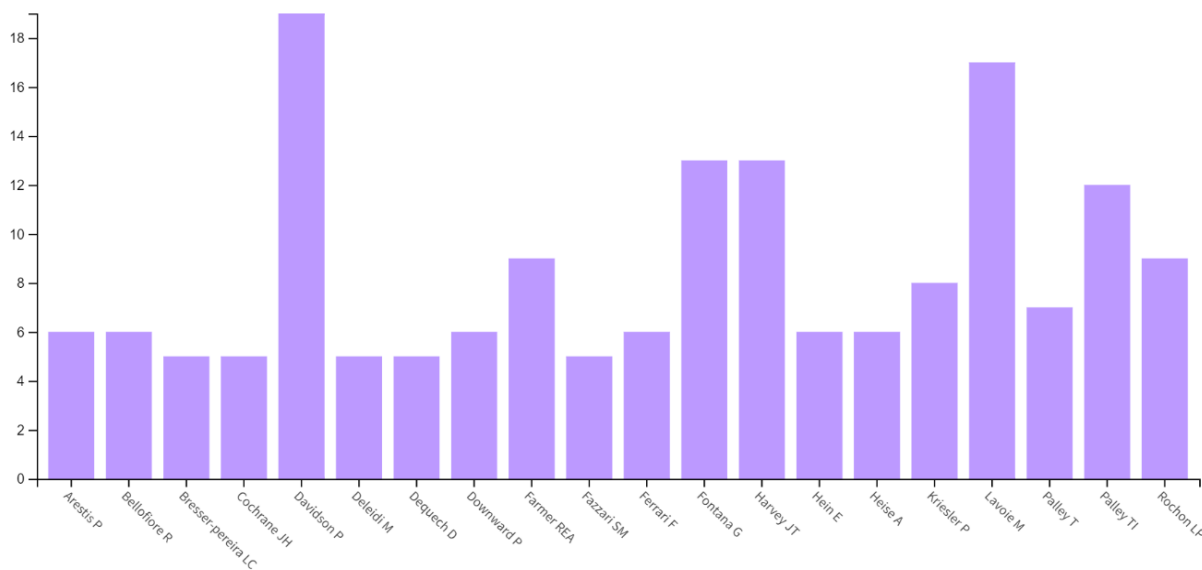


Fonte: *Web of Science* (2024)

Apesar do gráfico 2 contemplar somente os documentos publicados a partir de 2000, os primeiros trabalhos científicos que abordam a teoria de Keynes e seus desdobramentos foram escritos no decorrer da década de 1940. Já diante de um cenário mais recente, mais precisamente ao longo dos últimos 23 anos (no período entre 2000 e 2023), é possível identificar um aumento regular e consistente no volume de publicações, especialmente entre os anos de 2007 e 2018.

De modo geral, ao contemplar o ano de 2019 em diante, percebeu-se uma elevação expressiva na quantidade de pesquisas desenvolvidas sobre o keynesianismo, o que demonstra que as abordagens propostas por essa teoria são consideradas atemporais e continuam sendo objeto de estudo na ciência contemporânea. Na sequência das análises efetuadas, o gráfico 3 elucida os principais autores pós-keynesianos que, ao longo do horizonte temporal estipulado no gráfico 2, desenvolveram pesquisas sobre a escola de Keynes e assim contribuíram, historicamente, para a consolidação de sua teoria econômica em nível mundial:

Gráfico 3 – Principais autores que desenvolveram pesquisas sobre o keynesianismo



Fonte: Web of Science (2024)

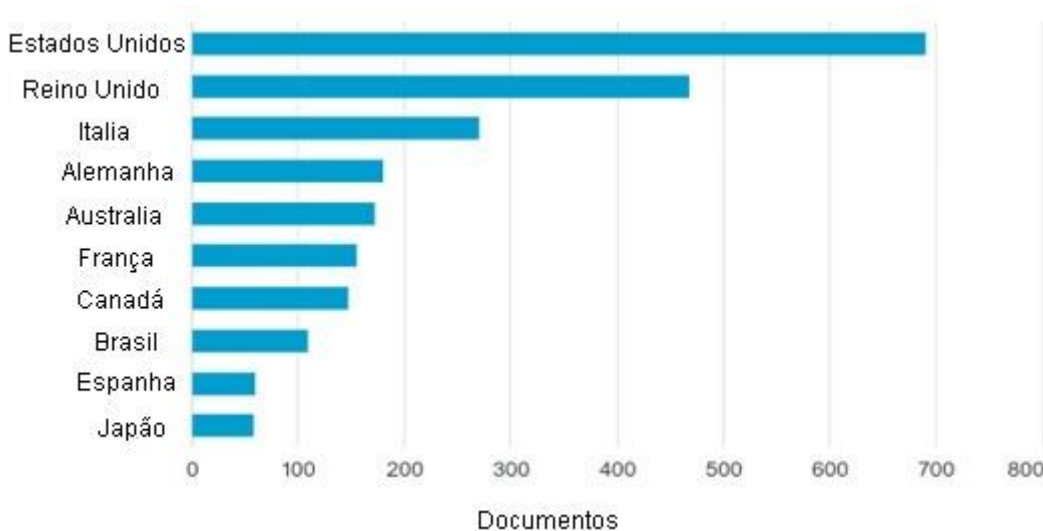
Dentre os autores listados no gráfico 3, destaca-se o economista norte-americano Paul Davidson. Ao longo do tempo, Davidson foi um dos principais “porta-vozes” da escola macroeconômica keynesiana, a partir da adoção de uma posição majoritariamente crítica e de oposição a teoria econômica até então predominante (*mainstream* neoclássico). Em sua trajetória acadêmica, Davidson desenvolveu uma série de pesquisas e publicações científicas que serviram como base para o aprofundamento e o debate das obras de Keynes, fator esse que o consolidou como uma das referências dentre os autores pós-keynesianos contemporâneos.

Outro acadêmico que tem contribuído significativamente para a difusão da teoria keynesiana é Marc Lavoie. Nascido no Canadá, Lavoie é pesquisador da Universidade de Ottawa e, no decorrer de sua trajetória como economista e professor, publicou uma série de artigos e pesquisas que enriqueceram fortemente o debate entre as vertentes macroeconômica de Keynes e liberalismo neoclássico. Além de Davidson e Lavoie, inseridos neste contexto como alguns dos maiores autores pós-keynesianos, também merecem destaque outros três economistas mencionados no gráfico 3: Giuseppe Fontana (italiano), John T. Harvey (norte-americano) e Thomas Palley (norte-americano).

Já no Brasil, por sua vez, um dos economistas pós-keynesianos de maior notabilidade na conjuntura recente tem sido David Dequech Filho, que é docente e pesquisador da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O ex-ministro da Fazenda do Brasil, Luiz Carlos Bresser-Pereira, vinculado a Fundação Getúlio Vargas (FGV) desde o final da década

de 1950, também compactua com os pressupostos macroeconômicos de Keynes, tendo assim contribuído como um dos principais economistas de orientação desenvolvimentista no Brasil. O gráfico 3 também exhibe alguns outros pesquisadores que, ao redor do mundo, trabalharam em prol da preservação da visão de Keynes a partir de críticas ao modelo econômico neoclássico. No gráfico 4, busca-se evidenciar os países/nações que possuem maior relevância na produção científica sobre a escola keynesiana, listando os dez principais em termos de número de publicações:

Gráfico 4 – Número de publicações (por países) no âmbito da teoria keynesiana



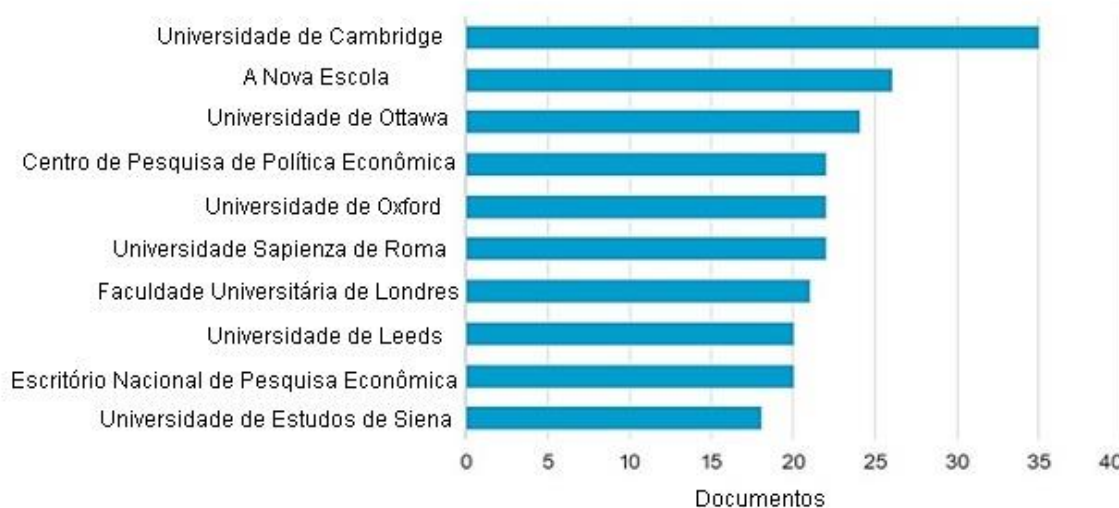
Fonte: *Scopus* (2024)

Conforme apontado no gráfico 4, os Estados Unidos (EUA) lideram como o país que possui o maior número de documentos (trabalhos científicos em geral) desenvolvidos dentro do escopo da teoria keynesiana, com cerca de 700 publicações desde meados da década de 1940 até os dias atuais (2024). Em seguida, aparece o Reino Unido, que a exemplo dos EUA, contém uma parcela expressiva de publicações dentro da abordagem econômica de Keynes. Tal fato se dá em virtude dos grandes pesquisadores, conforme mencionados no gráfico 3, serem originários desses países e desenvolverem os seus respectivos estudos junto aos mesmos.

O gráfico 4 também demonstra que países como Itália, Alemanha, Austrália e França, mesmo que em menor proporção em comparação aos EUA e ao Reino Unido, possuem uma produção científica respeitável sobre o keynesianismo e suas vertentes. Assim como os demais países mencionados acima, o Brasil aparece na lista das dez maiores nações que empregam esforços na busca por disseminar o pós-keynesianismo em âmbito científico mundialmente. Na sequência do processo de análise dos dados coletados por meio da RSL, o gráfico 5 exhibe as

dez principais instituições (universidades em geral) no mundo que têm desenvolvido pesquisas sobre o keynesianismo ao longo das últimas sete décadas:

Gráfico 5 – Principais instituições vinculadas a pesquisas sobre o keynesianismo

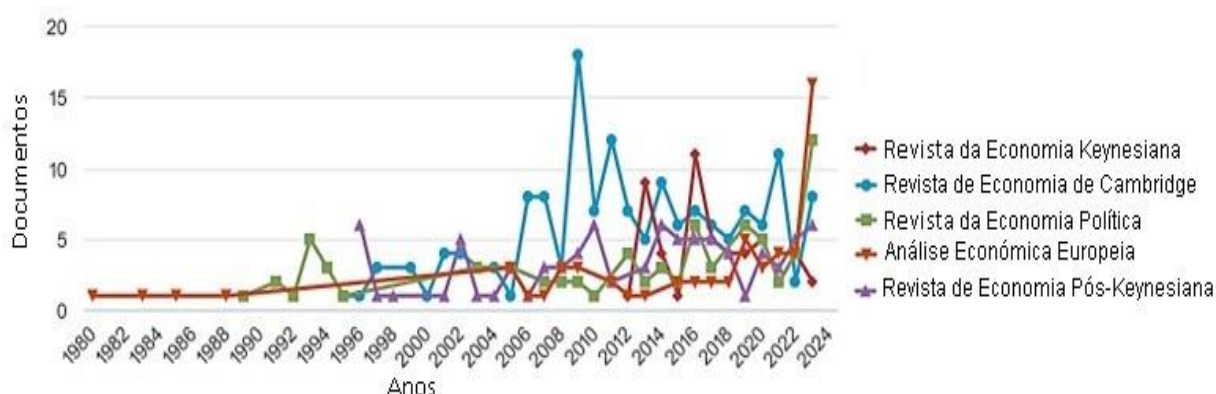


Fonte: Scopus (2024)

A Universidade de Cambridge, no Reino Unido, lidera o ranking como a instituição que, historicamente, apresentou maior avanço científico dentro da abordagem keynesiana. Ela é seguida pela *The New School*, universidade norte-americana localizada em Nova Iorque. A Universidade de Ottawa, no Canadá, na qual o pesquisador Marc Lavoei está vinculado, consta na terceira colocação dentre as instituições que mais desenvolveram pesquisas sobre a economia da escola keynesiana.

A lista proposta no gráfico 5 ainda contempla as seguintes instituições: Centro de Pesquisa em Economia e Política; Universidade de Oxford; Universidade de Roma La Sapienza; University College London; Universidade de Leeds; National Bureau of Economic Research e Universidade de Siena. Todas essas instituições ganharam ênfase em suas publicações e no avanço da teoria keynesiana. Por fim, o gráfico 6 efetua uma demonstração referente a evolução temporal das pesquisas sobre o keynesianismo no universo dos principais periódicos em nível internacional:

Gráfico 6 – Evolução das pesquisas de keynesianismo nos principais periódicos



Fonte: Scopus (2024)

O gráfico 6 evidencia que, durante grande parte da década de 1980, o periódico “*European Economic Review*” foi praticamente o único *journal* acadêmico responsável por propagar a teoria keynesiana no âmbito das publicações científicas globalmente. Entre o final da década de 1980 e o início dos anos 1990, o periódico “*Review of Political Economy*” também iniciou o desenvolvimento de publicações sobre o keynesianismo, algo que se consolidou principalmente entre os anos de 1992 e 1993.

A partir da segunda metade da década de 1990, o periódico “*Cambridge Journal Of Economics*” passou a ganhar destaque, mantendo-se um volume regular de publicações. Entre 2008 e 2009, o periódico em questão triplicou a sua produção de trabalhos científicos sobre as temáticas vinculadas a Keynes e suas teorias econômicas. De 2010 até meados de 2023, um percentual expressivo das publicações científicas sobre a escola keynesiana e suas derivações estão concentradas em dois grandes periódicos: “*European Economic Review*” e “*Review of Political Economy*”. A partir de uma visão global, portanto, pode-se considerar que os dados e informações gerados/obtidos mediante a adoção e a operacionalização da abordagem sistemática da literatura foram capazes de expressar, em linhas gerais, a realidade e a construção histórica da temática keynesiana na esfera científica, desde o século XX até o cenário atual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cerne da teoria macroeconômica keynesiana, a incerteza representa, essencialmente, o desconhecimento sobre o futuro. Em virtude da existência da incerteza, as decisões dos agentes econômicos estão constantemente sujeitas a instabilidades, riscos e equívocos. Cria-se, assim, um ambiente não-ergódico, especialmente em virtude da complexidade e da volatilidade

dos fatores que influenciam as relações mercantis. Há, deste modo, um cenário no qual os riscos tornam-se inerentes as atividades econômicas, em geral, dentro dos sistemas capitalistas.

Na concepção de Keynes, a economia neoclássica sempre está em busca de certezas, apesar das articulações entre os seus agentes ocorrerem em um ambiente marcado por constantes flutuações e variabilidades. Ao contrário da escola keynesiana, a abordagem heterodoxa (*mainstream*) desconsidera a existência de inconstâncias dentro da economia. Para Keynes, contudo, não existe a garantia de uma condição futura totalmente previsível, inclusive em termos probabilísticos, já que as decisões dos agentes nem sempre são totalmente racionais.

De modo geral, pelo fato de um determinado horizonte temporal caracterizar-se como incerto e desconhecido, as decisões tomadas no presente sempre estarão envolvidas em diferentes expectativas de resultados. O futuro tende a ser construído como uma imagem de possibilidades projetadas com base em um cenário vigente na atualidade. A partir desta perspectiva analítica, considera-se que o conceito de “tempo lógico” representa um determinado horizonte em que determinadas coisas acontecem, mesmo estas sendo incertezas.

Neste sentido, apesar do passado ser considerado irreversível, os impactos e as consequências de suas decisões podem ser reavaliados e adequados, ao contrário do que se estabelece em relação aos eventos futuros. Apenas o tempo passado, portanto, representa uma “certeza” dentro das atividades econômicas. Ao longo do século XX, conforme elucidado nesta pesquisa, diversos economistas foram responsáveis por difundir a macroeconomia keynesiana e sua visão, contribuindo para a consolidação, refinamento e melhor compreensão desta escola.

O estudo realizado demonstra, essencialmente, que a noção de incerteza permanece sendo discutido por uma série de autores pós-keynesianos, tendo como intuito central propor melhores formas de compreender as estruturas e dimensões existentes junto as relações econômicas de mercado em sua totalidade. Ao longo das últimas décadas, a TG de Keynes e a noção de incerteza, especificamente, passaram a ser abordadas empiricamente por áreas de pesquisa distintas, com destaque para o campo das ciências econômicas e sociais, ampliando o seu escopo acadêmico. Observa-se, a partir desta ótica, que a corrente keynesiana segue mantendo adeptos em escala global, sendo progressivamente abordadas no campo científico através de diferentes autores, instituições de ensino e periódicos.

As limitações da pesquisa, contudo, decorrem da necessidade de um maior aprofundamento sobre as correlações e distinções existentes no âmbito dos principais autores pós-keynesianos. É recomendável, em trabalhos futuros, compreender como a incerteza pode ser evidenciada em contextos econômicos aplicados, mediante análises e perspectivas dotadas

de maior empirismo estatístico e bases econométricas. Em geral, entende-se que, ainda que a noção de incerteza já tenha sido amplamente discutida na literatura, deve-se compreender como, onde e de que maneira o “estado da arte” da temática em questão vem sendo construído ao longo dos últimos anos por parte da corrente acadêmica contemporânea.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R.P. A construção do conceito de incerteza: uma comparação das contribuições de Knight, Keynes, Shackle e Davidson. **Nova Economia**, v. 21, n. 2, p. 171–195, maio 2011.

ANDRADE, R.P. Expectations, uncertainty, and instability in capitalism: an approach from Keynes. **Brazilian Journal of Political Economy**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 245-260, 1987.

AZEVEDO, L.F.; CONCEIÇÃO, O.A.C. Incerteza e não-ergodicidade: as perspectivas das vertentes institucionalistas. **Revista de Economia**, Curitiba, v. 38, n. 67, p. 1-24, 2017.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Incerteza e atividade econômica**. 2019. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/conteudo/relatorioinflacao/EstudosEspeciais/EE065_Incerteza_e_atividade_economica.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2024.

BUSATO, M.I.; REIF, A.C.; POSSAS, M.L. Uma tentativa de integração entre Keynes e Kalecki: investimento e dinâmica. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 39, n. 3, p. 509–526, jul. 2019.

CAMPOS, M.M.S.; CHIARINI, T. Incerteza e não-ergodicidade: crítica aos neoclássicos. **Revista de Economia Política**, v. 34, n. 2, p. 294-316, abr.-jun., 2014.

CARVALHO, F.J.C. Expectativas, incerteza e convenções. In: MONTEIRO FILHA, D.C.; PRADO, L.C.D.; LASTRES, H.M.M. (Org.). **Estratégias de desenvolvimento, política industrial e inovação**: ensaios em memória de Fabio Erber. Rio de Janeiro: BNDES, 2014.

CARVALHO, A.C.; RODRIGUES, P.S.; CARVALHO, D.F. Risco, incerteza e expectativa na dinâmica dos eventos de uma economia capitalista na perspectiva de Keynes e Knight. **Revista de Economia Política e História Econômica**, n. 41, v. 1, jan. 2019.

CATÃO, L. Do “Tratado sobre Probabilidade” à “Teoria Geral”: o conceito de racionalidade em Keynes. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 12, n. 1, p. 59–75, jan. 1992.

CHICK, V. **Macroeconomia após Keynes**: um reexame da teoria geral. Rio de Janeiro: Forense, 1993.

CONCEIÇÃO, O.A.C.; GABRIANI, C.R. Institucionalistas e pós-keynesianos - ensaio sobre incerteza em uma economia capitalista financeira moderna. **Economia e Sociedade**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 1-23, abr. 2019.

CONFORTO, E.C.; AMARAL, D.C.; SILVA, S.L. Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. 2011,

Anais. Porto Alegre, RS: Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2011. Acesso em: 18 maio 2024.

COSTA FILHO, A.E. Incerteza e atividade econômica no Brasil. **Economia Aplicada**, v. 18, n. 3, p. 421–453, jul. 2014.

DABIC, M.; CVIJANOVIĆ, V.; GONZÁLEZ-LOUREIRO, M. Keynesian, post-Keynesian versus Schumpeterian, neo-Schumpeterian. **Management Decision**, [S.L.], v. 49, n. 2, p. 195-207, mar. 2011.

DAVIDSON, P. Rational Expectations: a fallacious foundation for studying crucial decision-making processes. **Journal Of Post Keynesian Economics**, [S.L.], v. 5, n. 2, p. 182-198, dez. 1982.

DAVIDSON, P. A rejoinder to O'Donnell's critique of the ergodic/nonergodic explanation of Keynes's concept of uncertainty. **Journal Of Post Keynesian Economics**, [S.L.], v. 38, n. 1, p. 1-18, jul. 2015.

DEQUECH, D. Expectations and Confidence under Uncertainty. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 21, n. 3, p. 415-430, 1999.

DEQUECH, D. Asset Choice, Liquidity Preference, and Rationality under Uncertainty. **Journal of Economic Issues**, v. 34, n. 1, p. 159-176, 2000.

DEQUECH, D. Fundamental Uncertainty and Ambiguity. **Eastern Economic Journal**, v. 26, n. 1, p. 41–60, 2000.

DEQUECH, D. Bounded Rationality, Institutions, and Uncertainty. **Journal Of Economic Issues**, [S.L.], v. 35, n. 4, p. 911-929, dez. 2001.

DEQUECH, D. Uncertainty: individuals, institutions and technology. **Cambridge Journal of Economics**, n. 28, v. 3, p. 365-378, 2004.

DEQUECH, D. Instituições e a relação entre economia e sociologia. **Revista Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 599-619, jul./-set. 2011.

DEQUECH, D. Uncertainty: a typology and refinements of existing concepts. **Journal Of Economic Issues**, [S.L.], v. 45, n. 3, p. 621-640, set. 2011.

DOW, S.C. Uncertainty. In: ARESTIS, P.; SAWYER, M. (ed.). **The Elgar Companion to Radical Political Economy**. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 1994. p. 434-438.

DOW, S.C. Uncertainty: a diagrammatic treatment. **Economics**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 1-26, 28 jan. 2016.

FERRARI FILHO, F.; CONCEIÇÃO, O.A.C. A noção de incerteza nos pós-keynesianos e institucionalistas: uma conciliação possível? **Nova Economia**, [S. l.], v. 11, n. 1, 2009.

GALVÃO, M.C.B.; RICARTE, I.L.M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. Logeion: **Filosofia da Informação**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019.

KEYNES, J.M. The General Theory of Employment. **The Quarterly Journal Of Economics**, [S.L.], v. 51, n. 2, p. 209, fev. 1937.

LAWSON, T. Uncertainty and Economic Analysis. **The Economic Journal**, [S.L.], v. 95, n. 380, p. 909, dez. 1985.

LAWSON, T. Probability and Uncertainty in Economic Analysis. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 11, n. 1, p. 38-65, 1988.

LAVOIE, M. A moeda em um programa de pesquisa comum para o pós-keynesianismo e o neo-ricardianismo. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 12, n. 3, p. 425-447, 1992.

LOMBARDI, M.F.S.; BRITO, E.P.Z. Incerteza subjetiva no processo de decisão estratégica: uma proposta de mensuração. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, n. 6, p. 990-1010, dez. 2010.

MOREIRA, R.R. A "derrota da lei de Say": elementos teóricos fundamentais e algumas implicações metodológicas e dinâmicas. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 9, n. 2, p. 411-431, maio 2005.

RECH, L.T.; LINS, V.F. Marx, Keynes e Lucas: distinções e afinidades. **Diálogo**, [S.L.], n. 29, p. 191-203, ago. 2015.

ROWLEY, J; SLACK, F. Conducting a literature review. **Management Research News**, [s.l.], v. 27, n. 6, p.31-39, jun. 2004.

SILVA, E.P.; CARVALHO, A.R. Incerteza, expectativas e confiança. **A Economia em Revista - AERE**, v. 27, n. 3, p. 1-15, nov. 2020.

STOCKHAMMER, E.; RAMSKOGLER, P. Uncertainty and Exploitation in History. **Journal Of Economic Issues**, [S.L.], v. 42, n. 1, p. 175-194, mar. 2008.

TERRA, F.H.B. Racionalidade e método: duas contribuições de Fernando Cardim de Carvalho à teoria pós-keynesiana. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 24, n. 2, p. e2024210, 2020.

TERRA, F.H.B.; GOUDARD, G.C. Incerteza, tomada de decisão, hábito e instituição: uma possível articulação entre keynesianos e neoinstitucionalistas. **Economia e Sociedade**, v. 27, n. 3, p. 713-742, set. 2018.

VAL, V.C.; LINHARES, L. O papel da moeda em Marx e Keynes. **Leituras de Economia Política**, v. 14, n. 1, p. 81-107, ago.-dez. 2008.
